

Entre fisuras e sementeiras em investigação: formação em rede, narrativas e autoria docente

SANTOS, Maria Helena da Silva Reis/ PPGEduc/UNEB/ nenaviadrs@hotmail.com¹

Eixo 4: Formação e Trabalho Docente - Tipo de trabalho: Ponencia

Palavras-chave: Formação em rede - Narrativa pedagógica - Autoria docente - Documentação Narrativa

› **Resumo**

Este trabalho discute a narrativa como potencial de transformação do sujeito no processo de constituição da autoria docente na formação em redes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, narrativa com ênfase na investigação-ação-formação, que utiliza o dispositivo metodológico a Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica. A base epistemológica ancora-se no pensamento decolonial a partir das epistemologias do Sul. Em um estudo de conhecimento inicial feito para esta pesquisa, com um recorte temporal nos últimos cinco anos, no banco de tese e dissertações do portal de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES /BRASIL, com os descritores: autoria docentes e documentação narrativa de experiência pedagógica, com filtro em Educação, o resultado revelou lacunas que este estudo deseja contribuir para preenchê-la. Apenas dois trabalhos discutem autoria articulados à Documentação Narrativa, mas não é objeto de estudo, deixando entrever necessidade de aprofundamento e o entendimento da autoria como princípio articulado com a política de conhecimento. Em vista disso e de outras leituras, esta pesquisa aposta que as autorias docentes possam expressar modos outros de pensar, ser, saber, estar e atuar na docência, problematizando, subvertendo, fissurando a manutenção das estratégias do poder capitalista/ patriarcal/ heteronormativo/ moderno/colonial. Temos as “esperanças pequenas” (Walsh, 2017) de que, a partir da narrativa de experiência na escola, a formação em rede acione as autorias docentes e que estas, quando colocadas à luz na formação em rede; sejam valoradas e se revelem em perspectivas de horizontes outros, utópicos, criativo e transformador, situadas no reverso do poder dominante, universalizante/monocultural,

¹ Tutora RIOS, Jane Adriana Pacheco/PPGEduc/UNEB /jhanrios@yahoo.com.br

tendo como direção à construção de outras epistemes possíveis. Esperamos que esta investigação, como ênfase nas narrativas docente, contribua para a produção de conhecimento nos debates sobre autoria no campo da formação docente em rede, com ressoar em currículos, políticas e práticas em Educação e valorização da autoria docente.

› **Resumen**

Este trabajo discute la narrativa como potencial de trans-formación del sujeto en el proceso de constitución de la autoría docente en la formación en redes. Se trata de una investigación cualitativa, narrativa con énfasis en la investigación-acción-formación, que utiliza el dispositivo metodológico la Documentación Narrativa de Experiencia Pedagógica. La base epistemológica se ancla en el pensamiento decolonial a partir de las epistemologías del Sur. En un estudio de conocimiento inicial hecho para esta investigación, con un recorte temporal en los últimos cinco años, en el banco de tesis y disertaciones del portal de Coordinación y Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior- CAPES /BRASIL, con los descriptores: autoría docente y documentación narrativa de experiencia pedagógica, con filtro en Educación, el resultado reveló lagunas que este estudio desea contribuir a completarla. Solo dos trabajos discuten autoría articulados a la Documentación Narrativa, pero no es objeto de estudio, dejando entrever necesidad de profundización y el entendimiento de la autoría como principio articulado con la política de conocimiento. En cuanto a eso y de otras lecturas, esta investigación apuesta que las autorías docentes puedan expresar modos otros de pensar, ser, saber, estar y actuar en la docencia, problematizando, subvertiendo, el mantenimiento de las estrategias del poder capitalista/ patriarcal/ heteronormativo/ moderno/ colonial. Tenemos las "esperanzas pequeñas" (Walsh, 2017) de que, a partir de la narrativa de experiencia en la escuela, la formación en red accione las autorías docentes y que éstas, cuando sean puestas a la luz en la formación en red; sean valoradas y se revelen en perspectivas de horizontes otros, utópicos, creativos y transformadores, situados en el reverso del poder dominante, universalizante/monocultural, teniendo como dirección la construcción de otras epistemes posibles. Esperamos que esta investigación, como énfasis en las narrativas docente, contribuya para la producción de conocimiento en los debates sobre autoría en el campo de la formación docente en red, con resonar en currículos, políticas y prácticas en Educación y valorización de la autoría docente.

Palabras clave: Formación en red. Narrativa pedagógica. Autoría docente. Documentación Narrativa.

› **Diálogos iniciais**

A formação em rede com ênfase nas narrativas de experiências pedagógicas tem seu potencial no processo para a constituição da autoria docente, ante as políticas públicas em Educação, no Brasil. Tais políticas têm base fundamentalista/neoliberal, requerendo de nós investigadores/as uma vigilância epistêmica. Em vista disso, as discussões sobre autoria docente partem das teorias decoloniais, a partir metáforas *fissura (grietas) e sementeiras* de Walsh (2017), e aproximação com as epistemologias do Sul (Santos, 2019), particularmente, acerca dos conhecimentos coletivos, contrapostos ao individualismo possessivo -epistemicida -moderno.

Este texto é um recorte de investigação em curso pautada nos princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa, com ênfase nas narrativas docentes, situada no campo da investigação-formação-ação. A base epistemológica investigativa ancora-se no pensamento decolonial em aproximações com as epistemológicas do Sul. A partir disso, o texto discute a constituição das autorias docentes como insurgências políticas-epistêmicas-pedagógicas, partindo da experiência pedagógica na escola, no contexto da formação em rede (Rio, 2020; Sampaio, 2021) no Brasil, utilizando-se da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica como dispositivo epistêmico-político-metodológico de pesquisa.

A metáfora rede, neste texto, sugere a ruptura com as hierarquias de saberes e torna-se um território intersticial composto por epistemologias, ontologias, cosmologias acerca de formas de compreender, ser e viver a profissão docente (Rios, 2020, p.21). Por sua vez, tais perspectivas teóricas demarcam politicamente o campo epistêmico, mas, articulam-se, de algum modo, e apontam horizontes de expectativas decolonizantes. O prefixo *de* do termo decolonial indica a ideia de dentro para fora, neste sentido, a decolonialidade provoca partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente silenciados, subalternizados, desprezados, oprimidos pela existência da hegemonia do poder/capitalista/patriarcal/moderno/colonial, para a construção de outros modos de ser, viver, saber, poder.

Em consonância com a teoria decolonial, as epistemologias do Sul buscam identificar e validar conhecimentos outros, nascidos das lutas contra opressão e as formas de dominação: capitalismo,

colonialismo, patriarcado, fundamentados na era moderna, aqueles que não são validados pelas epistemologias do Norte – cujo único saber científico é a ciência. Assim sendo, “são a expressão da luta contra o duplo desperdício: um desperdício intelectual e um desperdício político” (Santos, 2019, p.29).

Pensamos, assim, em autorias como insurgências políticas – epistêmicas- pedagógicas, capazes de produzir fissuras e sementeiras (Walsh, 2017).

Como insurgências e resistências, essas “fissuras” configuram-se forças de uma “esperança pequena”(Walsh, 2017), mas, potentes de vida, de transformação são caminhos de luta e de rebeldia, movimentos para sair de cárceres e criar modos outros de pensar, sentir, ser, estar, viver e fazer uma docência transgressora, contraposta à lógica estruturante moderna/colonial. Contudo, quando pensadas com o olhar crítico da referida autora, convém que se considere os modos de articulação desse processo, ou seja, como são criadas e recriadas, traduzidas, e configuram-se seu fazer, as ações. Por meio das narrativas docentes, por exemplo, as autorias poderão expresser práticas e estratégias metodológicas e pedagógicas de lutas de fissuras.

Desse modo, as perspectivas teóricas decoloniais contribuem para situar as reflexões deste trabalho no contexto societal contemporâneo, ao abrir espaço para um pensamento outro, possibilidades outras, insurgentes e transformadoras, implicadas em uma formação em rede e pautadas na escuta, no diálogo, na horizontalidade, conforme propõe a Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica (Suárez, 2009), um dispositivo metodológico, cuja proposta o converte também em epistemo-político, pelos princípios da horizontalidade, alteridade e dialogicidade.

O intento do referido dispositivo de pesquisa é a publicização das experiências docentes como documentos pedagógicos. Assim, dispostas em documento público, traz à luz e valoriza o protagonismo docente e o autoral, por vezes, desprezados, silenciados, neutralizados, desvalorizados, em currículos, por políticas e práticas oficiais em Educação, contrapondo-se à lógica de único mundo-conhecimento. Por outro lado, vislumbrando caminhos possíveis de coletividade e solidariedade no campo da formação continuada de professores. É nesse movimento que a autoria se constitui, no coletivo desse rede de docentes como uma política de conhecimento.

Portanto, por meio das narrativas, que partem das experiências docentes na escola, tecidas em um processo dinâmico e colaborativo de re-leituras, re-escritas, diálogos entre pares, reflexões,

indagações sobre o mundo escolar, as experiências pedagógicas se convertem em saberes docentes validados e reconhecidos por quem as produziu. Nesse movimento auto-comformativo, o saber experiencial, individual, converte-se, no coletivo, em uma política de conhecimento do coletivo implicado no processo de constituição da autoria. Justifica-se, assim, a escolha do dispositivo Documentação Narrativa de Experiência Pedagogia, proposta por Suárez (2009, 2011) na Argentina, com ênfase nas narrativas, nesta pesquisa que tem o objetivo de compreender os modos de constituição da autoria docente na formação em rede (Sampaio, 2021).

Sobretudo porque, no Brasil, ainda temos presente a tradição de formação conteudista, livresca, verticalizada, que anula e invisibiliza o professor. Invisibiliza porque ele se torna um agente passivo e anula as possibilidades de práticas dialógicas, horizontal, que primem pela autoria e autonomia docente, emancipatória de serem existentes e vivas na escola. Na contramão disso, vem sendo desenvolvida na Rede Latina Americana de Formação Docente um movimento outro: que é de revelar as autorias pedagógicas, de fortalecer os coletivos docentes, dando espaço para a dialogicidade, a alteridade, a autonomia e o protagonismo docente, por meio de escuta ativa, do respeito mútuo e da valorização de suas palavras e vozes.

É assim que esta investigação em curso caminha pelo Movimento de Rede de Formação nascido na Argentina em 1990 e coordenado por Suárez, que chegou ao Brasil em 2000 e vem se fortalecendo na América Latina, e adentra no Coletivo de Docentes Baianos Narradores – coordenado pelo Grupo de pesquisa DIVERSO² - Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica, que desenvolve pesquisa-formação-ação, partindo da experiência pedagógica na escola, articulada ao dispositivo de pesquisa-ação-formação da Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica. Esta investigação vincula-se à pesquisa matricial do referido Grupo de Pesquisa, cujo objetivo é cartografar narrativamente a profissão docente na Bahia, apostando na constituição da autoria docente e suas potencialidades como insurgências epistêmicas, políticas e pedagógicas.

² O grupo vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, na Universidade do Estado da Bahia/Brasil, e vem desenvolvendo, desde 2015, a pesquisa Profissão Docente na Educação Básica da Bahia, cujo objetivo é cartografar a profissão docente no Estado, entrecruzando as questões da diversidade que a constituem, a partir das experiências na escola; trabalha com a formação em rede, inspirada no trabalho da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas proposta por Suárez, na Argentina.

Em um estudo de conhecimento inicial feito para esta pesquisa, com um recorte temporal nos últimos cinco anos, no banco de tese e dissertações do portal de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES /BRASIL, com os descritores: autoria docente e documentação narrativa de experiência pedagógica, com filtro em Educação, o resultado revelou lacunas que este estudo deseja contribuir para preencher. Apenas dois trabalhos discutem autoria articulados à Documentação Narrativa de experiência pedagógica, mas, não a tem como objeto de estudo, deixando entrever necessidade de aprofundamento e o entendimento da autoria como princípio articulado com a política de conhecimento.

Diante do exposto, tem-se o entendimento da pertinência e relevância desta pesquisa centrada em investigar a autoria docente na formação em rede, a partir de documentos narrativos de experiências pedagógicas de docentes que se dispõem a discutir, refletir, indagar e investigar sua prática pedagógica escolar, com intento de publicizá-la. Tais narrativas, em uma perspectiva decolonial, podem desvelar isurgências e nuances da constituição da autoria docente em rede de formação.

› ***Fissuras e Semeaduras: rede de formação e autoria docente a partir da experiência na escola***

Outros caminhos são possíveis para pensar e fazer a formação em rede (Rios, 2020), particularmente, a partir das fissuras (grietas) e semeaduras (siembras) em diálogo com Catherine Walsh, quem, ao retomar reflexões freirianas e a essência do seu verbo esperar, procura considerar o fazer – práxis – como prática consciente e crítica de transformação. Apostamos na “esperança de cambiar o transforar el sistema capitalista/moderno/colonial/heteropatriarcal em su conjunto y totalidad, e de crer que outro mundo a nível global realmente es posible” (Walsh, 2017, p. 39).

Para tanto, defendemos com a referida autora que as esperanças estão nas ações pequenas - questionadoras e problematizadoras - que transgridem e desafiam a ordem hegemônica, monocultural, ou seja, nas fissuras colocadas perante o sistema de poder dominante/capitalista/neoliberal. Tais fissuras são constituídas a partir de ações epistemo-político-pedagógicas de docentes que enfrentam e problematizam a ideia de totalidades e de autoritarismo, por vezes, impostas por órgãos e instituições oficiais, que executam programas de

formações como se fossem pacotes prontos, que bastasse apenas serem desembalados por quem, por eles, é nomeado autoridade intelectual – instituído formador. São formações verticalizadas, ofertadas aos professores/as, que silenciam, desprezam ou descaracterizam seus saberes, suas práticas e a autoria.

Em rechaço a esses padrões modernos da modelagem da formação de professores, é pertinente considerarmos idiossincrasias, subjetividades, tendo em vista a autoria de seu próprio pensar, fazer e agir, em um movimento de ir e vir, singular de cada um/a, do posiciona-se com o outro e assumir com, desde dentro, outros epistemes contra hegemônicos, para atuar em sociedade, partindo da escola. Nesse sentido, busca-se, como resultado desta investigação-formação-ação, dar visibilidade e valorização as narrativas pedagógicas – orais ou escritas – do coletivo de docentes narradores-protagonistas-autores de pedagogias insurgentes, trans-formadoras na escola. Implicado, desse modo, na formação em rede pautada nos princípios epistemo-político-metodológico de relações dialógico-formativas, ressoantes em movimentos de re-significação e reconhecimento da docência. A formação em rede é, enfim, uma possibilidade outra de se desenvolver um modelo formativo colaborativo e potente para constituição da autoria docente.

Nessa ambiência da formação em rede com a Documentação Narrativa de Experiência Pedagógica (Suárez, 2009, 2016), a autoria docente se constitui na dinâmica própria da validação do saber experiencial, pessoal, subjetivo, que é colocado em pauta na discussão entre professores – entre pares, na forma de relato, até torná-lo um documento narrativo de experiência de domínio público. Contraposta a lógica homogeneizante e engessada/conteudista/verticalizada, tratamos, aqui, de um movimento auto-com-formativo em que se valoriza subjetividades e saberes da experiência. Ao evolver-se nessa dinâmica, o coletivo de docentes autoriza-se e arisca-se a colocar em evidência a experiência na escola, como um saber pedagógico e desvela outra política de conhecimento, alternativa à lógica meramente tecnicista,

Entendemos como política de conhecimento um modo de rechaçar propostas teóricas e práticas que se inclinam a compreensão de conhecimento objetivo (Suárez, 2009, 2011), com perspectiva predominantemente técnica e cientificista. Aqui, diz respeito aos conhecimentos insurgentes, muitas vezes, desprezados ou silenciados pelos currículos formais, instituídos, mas que são validados por quem os produz cotidianamente no exercício da profissão docente na escola, configurando-se modos outros, instintivos, insubmissos, de luta, de resistência, de re-existência,

um formas de reivindicar e/ou mobilizar trans-formações em currículos, atitudes, práticas docentes. Isso é decolonial. É uma alternativa à dominante (Suaréz, 2009, 2011).

Todavia, a articulação entre autoria e política de conhecimento no contexto da formação em rede, a partir de experiências individuais, em um trabalho coletivo e colaborativo, traz um desafio, o qual nos dispomos a enfrentar: que é o de aguçar o olhar para o que Boventura de Souza Santos chama de perigos do conceito de autoria, ou seja, sob dois tipos de autoria, a saber: dos conhecimentos coletivos e dos conhecimentos dos superautores. A autoria dos conhecimentos coletivos – o primeiro tipo de autoria problematiza a constituição do conhecimento do pensamento moderno nas sociedades complexas contemporâneas, ou seja, a hegemonia do Norte e o individualismo da modernidade (Santos, 2019, p. 88).

O perigo dos conhecimentos coletivos, para Santos, diz respeito a boa parte dos conhecimentos que surgem em lutas, são coletivos ou funcionam como tal, pois, muitas vezes, os constituintes cruciais não têm autores. São eles mesmos os autores. Por isso, a atenção deve voltar-se aos seguintes aspectos: a questão do anonimato ou a questão da unanimidade dos conhecimentos, pois, embora seja de uma comunidade ou grupo, há pessoas que formulam os conhecimentos com autoridade, credibilidade, eficácia e precisão, assim, o conhecimento é expresso por meio deles. Enfim, atuam como uma espécie de mediadores, criativo e transformador dos conhecimentos (Santos, 2019, p.88).

A questão da unanimidade ou do anonimato do conhecimento implica-se em reconstrução de modo crítico e criativo da experiência coletiva de interpretar e transformar a realidade. Refere-se aos conhecimentos situados como intermediários entre o coletivo e o grupo de comunidade como um todo, na medida em que, em um tipo de mediação, o conhecimento coletivo é expresso, configurando-se um espelho prismático, como um filtro criativo e transformador (Santos, 2019, p.88-89). Em uma perspectiva decolonial, cabe, portanto, ater-se como esses processos se instauram e instituem como conhecimentos no/do coletivo, se há silenciamentos, neutralizações, exclusões, submissões, entre outros fatores.

Em relação aos conhecimentos dos superautores” - o segundo tipo de autoria -, Santos chama atenção para o protagonismo autoral, posto que engloba os líderes dos movimentos e lutas. A complexidade está naquele conhecimento de natureza individualizada que resulta muitas vezes de laboriosos processos de construção coletiva de conhecimento. A exemplo de líderes e representantes, cujas trajetórias individuais outorgam-lhes estatuto de porta voz privilegiado de

conhecimento coletivo; por outro, temos aqueles cujos conhecimentos são portadores de uma autoridade especial numa comunidade (Santos, 2019, p. 89).

Ainda sobre a autoria dos superautores, o referido autor adverte acerca de dois subtipos de conhecimentos que a engloba, quais sejam: protagonismo autoral e autoridade especial. O protagonismo autoral é de natureza individual e resulta, muitas vezes, dos processos de construção coletiva de conhecimento, ou seja, outorga-se a uma pessoa o estatuto de porta-voz do conhecimento coletivo (Santos, 2019, p. 89).

A autoridade especial diz respeito aos conhecimentos que, numa dada comunidade, são atribuídos à autoridade especial, esta, de modo crítico e criativo, reconstrói a experiência coletiva e a tradição oral do grupo, cabendo-lhe encontrar formas críticas e criativas de interpretar e transformar a realidade. Essas novas perspectivas têm, portanto, o caráter duplo de análise, orientação, interpretação e ética, na medida em que estamos falando de tradutores criativos de sua cultura, apoiados nas emergências e exigências do presente, sem desprezar o passado (Santos, 2019, p. 90).

Interessa-nos, com essa reflexão, ressaltar, não a dicotomização - individual e grupo, mas, a atenção necessária para o fato de que, mesmo se tratando de conhecimentos compartilhados por um grupo ou comunidade, os conhecimentos coletivos não são necessariamente comuns, percebidos e sancionados de igual forma por todos os membros, nem neutros ou transparentes, logo, pode emergir variações, ênfases em estágios e intensidades diferenciadas, até mesmo conflitos interpretativos (Santos, 2019, p. 88-89). Além de demarcar a riqueza do trabalho em rede no processo de constituição de autoria, pela heterogeneidade de saberes, parafraseando Santos, a riqueza da ecologia de saberes.

Esses perigos ou problemáticas evidenciam a complexidade e, de modo igual, a potencialidade da autoria como objeto desta investigação, e quão necessário é estarmos atento às estruturas basilares das relações entre o individual e o coletivo, sem dicotomização, particularmente, nesta proposta de estudo que toma como locus de estudo o Coletivo de Baiano de Docentes Narradores. Isso significa, partir de uma consciência crítica, ativar a escuta e o olhar para os indícios e modos como a autoria docente se constitui na formação em rede. Nesse sentido, pode desvelar, entre outros elementos, nuances e aberturas para outras e novas perspectivas de conhecimento tecidas com/em coletivo, mas, de narrativas de experiências que partem e ganham

vida pulsante nas escolas e revelam, no contínuo da formação em rede, o protagonismo autoral docente.

Ao fim, nesta investigação pode significar possibilidades outras de conhecimento, de pensar, sentir, agir, fazer, ouvir e ressoar de gritos e vozes, por vezes, silenciadas em projetos e práticas, em currículos instituídos nas escolas e em políticas de formação, que desvalorizam subjetividades, saberes e experiências, desprezam relações de poder, pois, centram-se na hegemonia do poder, do ser e do saber. Por isso, a constituição da autoria precisa ser discutida no âmbito da formação em rede.

A formação precisa ser projetiva construtiva, ou seja, livre, sem adestramento, partindo de uma necessidade construída, evidenciada, dialogada (Gatti, 2020). Isso implica em ouvir necessidades e provocar tensionamentos diante das situações complexas de sala de aula, problematizar as relações escolares e questões concretas vivenciadas/implicadas no exercício cotidiano da docência.

Contraposta à formação verticalizada e monocultural, meramente tecnicista, significa compreender o/a docente como sujeitos (re)produtores saberes e conhecimentos outros, destituídos do currículo formal, logo, precisam ser vistos, reconhecidos e valorados como protagonista em uma docência autora. A visão tecnicista da formação valoriza os meios e os instrumentos da formação, em detrimento da reflexão sobre o sujeito que aprendente e a circunstância; desvaloriza-se o fundamental de qualquer projeto de formação: as pessoas e os seus contextos (Nóvoa, 2014, p. 170). Por isso a autoria docente precisa ser política, como vetor para problematizar a razão única modernidade ocidental/colonialista/opressora, e posicionar-se como pensamentos, conhecimentos, saberes, agires e fazeres contra-hegemônicos.

No contexto da constituição de autoria docente decolonial em rede de formação pode significar formar-se, assim, igualmente, ir dando conta da nossa travessia no mundo (Ribeiro; Sampaio, 2018, p. 217). Este é um esperar pequeno, mas, a aposta no semear é grande, sobretudo nas potencialidades das insurgências políticas-epistêmicas-pedagógicas como expressões constituintes das autorias docentes, em rechaço ao desmonte das escolas públicas gratuitas e desvalorização da docência em curso das políticas neoliberais, em particularmente no âmbito do contínuo de formação de professores, no contexto brasileiro. É com esse pensar que esta proposta de investigação se inscreve em Educação para discutir autoria docente e contínuo da formação em rede.

A aposta é no papel da narrativa pedagógica de narradores-protagonistas-autores. A narrativa de dizeres, fazeres, pensares e ações dos docentes converte-se como potencial de formação em rede, de trans-formação do sujeito no processo de constituição da autoria docente. Trata-se do movimento singular de cada um/a tendo em vista a autoria de seu próprio pensar e agir, ante aos padrões modernos da inferiorização, subalternização e silenciamentos das diferenças, em um movimento de ir e vir, posiciona-se com o outro e assumir com, desde dentro, outros epistemes contra hegemônicos.

Acreditamos que o trabalho de constituição e valoração da autoria em rede de formação pode fazer emergir saberes, fazeres, pensamentos insurgentes, subversivos a padronizações, desvelando sentidos que se articulam ao individual, mas que também trazem nuances de uma comunidade mútua de docentes em rede. Esta é uma aposta utópica construtiva desta pesquisa doutoral em um horizonte decolonial, na busca de analisar e compreender percursos de autoria docente, a partir das experiências pedagógicas e dos saberes insurgentes narrados e produzidos pelo Coletivo Baiano de Docentes Narradores/as.

Ademais, cientes de que decolonizar envolve, dentre outras questões, eliminar preconceitos, universalidade e padronizações, manteremo-nos em constante vigilância epistêmica para destituir hierarquias de poder dominantes, que excluem e silenciam culturas, falas, ações e pensamentos, considerando, enfim, outras formas de conhecimentos que se fazem presentes no mundo plural e diverso contemporâneo. Desse modo, a autoria docente nos parece ser um caminho possível e potente para fissuras e sementeiras. Quando pensadas como insurgências epistemológicas-políticas-pedagógicas, reveladas em ato de (re)existências, as autorias docentes são forças de esperança pequena. É preciso, portanto, abrir-se às experiências formativas em rede, com ênfase nas narrativas de experiências pedagógicas.

› ***Diálogos em aberto***

Abrir-se à experiência. Assumir riscos e fazer apostas. Esse foi um movimento espiralado que adentramos ao tratar da rede de formação e autoria docente nesta investigação em curso. É preciso ariscar-se a seguir... pelas fissuras de resistências, semear. Assumimos riscos por resistir, e re-existir, em face dos arranjos e das estratégias da hegemonia do poder que insiste em se fazer presente nas escolas. As práticas, os currículos e as políticas públicas em educação no Brasil

desprezam ainda saberes, experiências, subjetividades. Em vista disso, assumimos o risco quanto tratamos da autoria docente pensada como algo subjetivo, sobretudo, de um coletivo docente, tal como refletido nesta escrita. Apostamos que a autoria docente decolonial se realiza nas insurgências epistemo-política-pedagógica na escola.

A autoria decolonial pode provocar alargamento no olhar, na escuta e conversão dos modos de pensar, ser, estar e agir na docência, ao se constituir como uma política de conhecimento, na medida em que, para além do pedagógico, o processo de constrição expõe subjetividades – idiosincrasias, afetos, desejos, incertezas, horizontes plurais de tentativas e expectativas em uma rede de docentes-narradores, implicados em movimento auto-com-formativo. As esperanças pequenas podem estar na abertura do próprio coletivo docente em se autorizar e reconhecer-se autor/a de seu pensar, saber, fazer e agir. Arriscamos pensar que a constituição da autoria pode suscitar inquietações, insubordinações e transformações.

Portanto, à contrapelo de um padrão a se repetir, apostamos na formação em rede, que problematiza e tensiona, reconhece e valorizam experiências, afetos e saberes docentes, dando luz à palavra, ao sensível, fazendo ecoar a voz da pessoa do/da professor/a. Não podemos esquecer que diferentes coletivos se apoiem e se permitem vivenciar momentos de discussão entre pares, onde diálogo e troca de experiências acontecem. A escuta e a legitimação do conhecimento produzido nessas iniciativas coletivas, colaborativas, são ações de resistência. Falamos aqui de atos epistemo-políticos. Diante do exposto, reiteramos o papel da narrativa como potencial de trans-formação nesta investigação, mantendo estreitas relações entre o conhecimento acadêmico e cotidiano.

A autoria se constitui enredada em experiências e saberes pedagógicos de (re)existências, ou seja, um conjunto de possibilidades outras de luta, expressão e mobilização de modos variados de (re)existir e (re)viver, transgredir, subverter, insurgir, a partir de um trabalho encarnado que se instaura no exercício da docência na escola. Por isso, as práticas docentes não podem se fechar em perguntas. É preciso responder e perguntar, perguntar e responder, fazer no caminhar, e caminhar fazendo, descaminhar, refazer caminhos, tecendo um movimento serpentino e contínuo, abrindo fissuras para caminhar em outros lugares (Walsh, 2017), por outras epistemes, em construção permanente com os outros. Constituindo-se em modos insurgentes, políticos e pedagógicos, autorais decoloniais.

Daí a pertinência e o potencial trans-formador da constituição da autoria docente, a partir das narrativas de experiências pedagógicas, nesta investigação. É nas fronteiras significatórias onde as fissuras começam a se fazer presentes...são elas as esperanças pequenas de sementeiras.

› **Bibliografia**

Gatti, B. (2020). *Formação Continuada no contexto da pandemia*. Youtube. Em línea: < <https://www.youtube.com/watch?v=YFO8HOXvi88>> (Consulta: 05.07.2021).

Nóvoa, A, Finger; Matthias (2014). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN:EDUFRN.

Ribeiro, T. (2014). *Pensamento, diálogo e formação de professores: A documentação narrativa de experiência pedagógica no GEPPAN*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGGdu. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Site web: Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (REDE FORMAD). En línea:< https://sites.google.com/site/redeformad/dissertacoes_defendidas> (Consulta:02.05.2022).

Rios, J, A. (2020). Narrativas de experiencias pedagógicas: territórios de (re)existencias em la formación docente. *Rutas de formación: prácticas y experiencias*, (11) 15-24.

Rios, J.A. (2021). *Profissão docente em questão!*. Salvador: Edufba.

Ribeiro, T., Sampaio, Carmem S. (2020). Conversa, partilha e formação docente: o fórum de alfabetização, leitura e escrita (FALE). *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, (57) 203-218.

Suárez, D. H. (2016). Escribir, leer, conversar entre docentes em torno de relatos pedagógicos de experiência. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, Salvador, (3) 480-497.

Suárez, D., Allud, A. (2011). *El saber de la experiencia: narrativa, investigación y formación docente*. 1ª ed. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO (Narrativas, autobiografía y educación; 3).

Suárez, D. (2009). *Relatos Pedagógicos, Docentes e Investigación Narrativa de La Experiencia Escolar*. Aportes de la investigación cualitativa y colaborativa para la formación y el desarrollo profesional de los docentes. Tese. Universidade de Buenos Aires. Faculdade de Filosofia y Letras.

Santos, B., Meneses, M. P (2009). *Epistemologias do Sul*. Almedina CES: Coimbra – Portugal.

Santos, B. (2019). *O fim do Império cognitivo*. Belo Horizonte: Autentica Editora.

Sampaio, C. (2021). Redes de formação docente: pensar por si é pensar com o outro (pp.217-239) En: RIOS, Jane Adriana V. P. (Org.). *Profissão docente em questão!* – Salvador: Edufba.

Walsh, C. (2017). Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivi. TOMO I. Serie Pensamiento decolonial.